Reinhart Koselleck – FUTURO PASSADO
(Contribuição à semântica dos tempos históricos)

Abdulai Sombille Djaló[1]

O livro do alemão Reinhart Koselleck é uma coletânea de ensaios, titulado "Futuro Passado". A referente resenha que se pretende escrever trata-se de uma reflexão teórica acerca do surgimento do conceito moderno de "história", na opinião de Koselleck, a mais importante de todas as inovações conceituais da modernidade. Para fundamentar tal hipótese, o autor demonstra, por exemplo, o significado que a "história" possuía no século XVI, época da pintura da Batalha de Alexandre, de Albrecht Aldorfer. Percebe que naquela época o termo "história" – em alemão Historie – poderia significar tanto uma imagem como uma "narrativa" – em alemão Geschichte.

[1] Graduado em Administração pela FASSESC - Faculdade Integrada da Associação do Ensino de Santa Catarina (2009). Mestre em Sociologia Política pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina (2013).

Koselleck no decorrer da sua fala no ensaio ele vai ressaltar a questão das mudanças que ocorrem na construção da historia das idéias, a importância de um historiador, assim como o termo revolução é interpretado ou explicado por diversos autores, pensadores, etc. O conceito da “revolução”, na época de Aristóteles, significava, grosso modo, um movimento cíclico ou um retorno. Porém os acontecimentos incontroláveis de 1789 na França alterariam o entendimento do termo. A partir de então passou a representar todas as revoluções, mas tendo como base a Revolução Francesa. Para o autor o termo evoluiu para a forma de um “coletivo singular”.

Esta transformação conceitual estaria intimamente ligada com a dissolução da clássica expressão Historia Magistra Vitae, cunhada por Cícero. Segundo o historiador, por cerca de 2 mil anos este topos permaneceu ileso. A história era antes de tudo uma escola da vida, um arsenal de experiências pedagógicas. Portanto até o século XVIII esta expressão ainda era um indício inquestionável da vida humana, “cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas” (p.45). Para Koselleck foi uma frase de Tocqueville a responsável por inaugurar um suposto “novo tempo”: “Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, o espírito erra nas trevas”. A formulação de Tocqueville refere-se a uma censura da experiência da tradição. Atrás dela oculta-se um processo bastante complexo, que seguia sua trajetória ora de maneira invisível, lenta e sorrateira, ora repentina e abruptamente, e que por fim foi acelerado conscientemente. Cícero, referindo-se a modelos helenísticos, cunhou o emprego da expressão *historia magistra vitae*. A expressão pertence ao contexto da oratória, a diferença é que, nesse caso, o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência. Além disso, o uso da expressão está associado a outras metáforas, que reescrevem as tarefas da história.

Segundo Cícero (p.43), “a história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, da vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador”. A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática, sobre a qual o orador exerce sua influência.

O círculo de influência de Cícero perdura até a experiência histórica cristã. Com o desaparecimento das profecias apocalípticas, a velha história como mestra impõe-se mais uma vez com grande vigor. Maquiavel, por meio de sua exortação segundo a qual se deve não apenas admirar os antigos, mas também imitá-los, fortalece o princípio da história como fonte, ao reunir em uma nova unidade o pensamento exemplar e o empírico.

É assim que Lengnich, um historiador de Danzig, escreve que a historiografia nos apresenta "tudo aquilo que poderia ser usado de novo em uma oportunidade semelhante". Ou então, para tomarmos o exemplo de um homem ainda menos conhecido, o tenente-general Freiherrn von Hardenberg: ele adverte ao preceptor de seu filho famoso que não se deixe prender, pura e simplesmente, aos fatos:

> Todas as ações, passadas e presentes, assemelham-se entre si e sua ciência é em grande parte dispensável, mas podem tronar-se de grande proveito quando esse esquecido for recoberto da carnação correspondente, de modo que se possa então mostrar à juventude qual o impulso para uma tal transformação, assim como os meios pelos quais este ou aquele fim foi alcançando, ou então, os motivos pelos quais ele não teria sido alcançado; dessa maneira, prega-se antes ao entendimento do que à memória; a história torna-se mais agradável e mais interessante para discípulo, de forma que se pode instruí-lo de maneira quase imperceptível tanto na inteligência dos negócios privados quanto na do Estado (p. 45).

Ao analisar o significado e a evolução histórica do conceito de Revolução, conclui-se que se trata de um conceito amplo, abrangente, que possui valores diversos e que não mantém o mesmo sentido em empregos e contextos diferentes.

Sendo assim, torna-se necessária uma análise individual de cada "revolução", seja de caráter social, político, diplomático, entre outros; para enquadrá-la no conceito de revolução.

A relevância desta análise está baseada na evolução histórico-conceitual difundido pelos pensadores ao longo do tempo. Por exemplo, LeRoy caracteriza Revolução como sendo uma volta ao ponto de partida, que é complementado por Hobbes ao descrever a Revolução como um movimento de retrocesso/restauração, indicando algo cíclico. Mais tarde, os iluministas identificaram que Revolução foca o futuro, não um retrocesso. E, sendo assim, é função da política conhecer e dominar tal conceito. Voltaire apresenta uma diferenciação do conceito de Revolução e de Guerra Civil, salientou que a Revolução se trata de uma nova visão de futuro onde

novos idéias e filosofias tornam-se realidade, já a idéia de Guerra Civil é considerada um círculo vicioso, sem sentido, fechado em si.

Assim, cada “Revolução” deve ter uma análise individual, com o objetivo de identificar em quais aspectos e conceitos tal evento se encaixa.

Podemos destacar as “revoluções” ocorridas recentemente no Egito e na Síria, a primavera Árabe, a revolução da Líbia, etc. Será que tal evento classifica-se como um retrocesso/restauração, conforme destacado por Hobbes e LeRoy? Ou será que está mais adequado ao conceito de futuro (dos iluministas), ou talvez classificados apenas como Guerra Civil, conforme conceituado por Voltaire?

Além disso, a observação de características próprias do termo Revolução ajuda a classificá-lo de forma mais adequada. Será que tais “revoluções” apresentam o chamado coletivo-singular, onde todos os envolvidos estão familiarizados com o objetivo e com a filosofia de tal evento? Tal revolução fica só âmbito político, ou cumpre o quesito de abranger o social? Como se dá o processo de “poder” dos revolucionários?

Ao avaliar estas questões, observa-se que qualquer “revolução”, seja ela as já mencionadas, seja a Revolução Farroupilha ocorrida no Brasil no século XIX, seja a “revolução” social difundida pelo governo Lula/Dilma, todas elas precisam de uma análise contextual para uma classificação precisa e de uma interpretação aos olhos de quem o vê ou de quem o analisa dentro do contexto que esta inserida.

Deste modo, por meio dos breves exemplos mencionados, fica evidente que o conceito de Revolução configura-se definitivamente como amplo, complexo, abrangente e ambivalente, e por ser assim, necessita de uma análise profunda de seu conceito semântico, histórico e contextual.

Dentro desta lógica, Koselleck enfatiza a importância do historiador na construção ou interpretação dos conceitos, onde o historiador quando mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservaram até hoje, e que em maior ou menos número chegaram até nós. Segundo Koselleck ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos:

> No primeiro caso, os conceitos tradicionais da linguagem das fontes servem-lhe de acesso heurístico para compreender a realidade passada. No segundo, o historiador serve-se de conceitos formados e definidos posteriormente, isto é, de categorias científicas que são empregados sem que sua existência nas fontes possa ser provada (p. 305).

Na gênese historia pode aguçar mais o olhar que se dirige à própria historia. Todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. Koselleck acusa a visão iluminista de mundo, pois ao enxergar o homem fora de suas experiências, toda a Europa foi levada ao pesadelo do Holocausto. Na sua opinião a história não é capaz de fornecer exemplos para a vida – como se acreditava antes da Revolução Francesa. Porém pode revelar experiências traumáticas e desastrosas. Desta forma os campos de concentração, e mais a ameaça de uma guerra nuclear, são para Koselleck resultados de experiências que os homens jamais deveriam apagar de seus horizontes de expectativas. Basta lembrar "senhor e escravo", "amigo e inimigo", "guerra e paz", "forças produtivas e condições de produção", ou ainda a categoria do trabalho social, a guerra política, as estruturas de uma organização, as unidades de ação social ou política, ou a categoria de fronteiras, do espaço e do tempo.

Citando Carl Schmitt, Koselleck aponta o par "amigo e inimigo" como outro componente da finitude humana que torna possível a história. Assim como o "poder matar", trata se de categorias formais que não podem ser criticadas ou negadas por argumentos ideológicos. As idéias pacifistas ou a defesa do amor ao inimigo não são suficientes para invalidar sua universalidade, ao contrário essas idéias supõem sua existência.

Koselleck sugere também o par "amo e escravo" como parte desta antropologia fundamental. Koselleck se refere às diversas formas de vínculos de dependência que criam relações de dominação política, assim como de conflitos políticos. Assim como Hannah Arendt, entretanto, Koselleck recorre à Grécia clássica e entende esta dominação como aquela relação de força necessária e constitutiva do viver segundo leis, costumes ou tradições. O autoritarismo e a tirania são vistos como casos extremos possíveis, mas não estruturantes do fenômeno em questão.

Outro par conceitual, o mais importante na obra do historiador, é o que se refere mais explicitamente à temporalidade. Podemos mesmo dizer que a "historia

conceitual” de Koselleck é, antes de tudo, uma concepção historiográfica que toma como fundamento a historicidade humana constituinte do fenômeno lingüístico. Em outras palavras o que constitui o tempo histórico são as concepções sociais sobre sua temporalidade e, particularmente, sobre seu futuro. A temática historiográfica, não é propriamente o passado, mas o futuro, não o fato, mas a possibilidade; mais precisamente, as possibilidades e projetos, passados – o futuro passado.

É verdade que quase todas as categorias que acabo de mencionar se caracterizam por serem ao mesmo tempo, ou por terem sido, conceitos históricos, isto é, econômico, políticos ou sociais, procedentes do mundo da vida. Mas é claro que é possível diferenciar e estabelecer gradações na lista de categorias formais que derivam do mundo pré-científico da vida e de seus conceitos políticos e sociais. Quem haveria de negar que expressões como “democracia”, “guerra e paz”, “dominação e servidão” são mais cheias de vida, mais concretas, mais sensíveis e mais intuitivas do que as duas categorias, “experiência” e “expectativa”.

Pois em Koselleck tanto a experiência quanto a expectativa, são categorias capazes de entrecruzar o passado e o futuro. Servem ao autor como instrumentos para lidar e tematizar aquilo que ele chama de tempo histórico, entendido como “um valor adequado à história e cuja transformação pode-se deduzir da coordenação variável entre experiência e expectativa”. O que a experiência, expectativa e a história nos ensinam é que os povos e os governos jamais aprenderem algo a partir da história, assim como jamais agiram segundo ensinamentos que delas fossem extraídas. Ou então, nas palavras de um experiente contemporâneo de Hegel, o Abade Rupert Kornmann: “é destino do Estado, assim como do homem, tornar-se sábio apenas quando já passou a oportunidade de sê-lo” (p. 55).

Para Johannes von Müller, seguindo o caráter pragmático dos ensinamentos de seus mestres em Göttingem, escreve em 1796:

> O que se pode encontrar na história não é tanto instruções sobre o que se deve fazer em uma situação determinada (as circunstâncias modificam tudo de maneira dramática), mas sim as conseqüências e resultados gerais das épocas e das nações. Tudo no mundo tem o seu tempo e seu lugar, e seria preciso cumprir adequadamente as tarefas delegadas pelo destino (p. 53).

Um tal deslocamento de sentido, capaz de submeter a um conceito único de história [*Geschichte*] um conjunto de efeitos universais em seu caráter singular e inédito foi também uma das preocupações do jovem Ranke. Entretanto, o caráter

singular e inédito da história permanece, para Ranke, indiscutível. Ele atribui à história a tarefa de apontar para o passado, de instruir o mundo contemporâneo para o proveito da posteridade.

Já Koselleck privilegia em sua análise o surgimento de uma nova concepção temporal verificada na modernidade ou, em suas palavras, o processo de temporalização da história ocorrido durante os tempos modernos – transformação que se fez notar principalmente durante os séculos que separam a Reforma Protestante da Revolução Francesa.

O questionamento central de Koselleck diz respeito ao seu próprio mundo na época em que escreve. O historiador, como vimos, vê no Iluminismo uma "antecâmara" de sua época, onde se criou um determinado modo de auto-entendimento histórico-filosófico utópico. Ao encobrir a política, a filosofia da história também encobre as conseqüências das ações políticas dos homens orientados por ela. Dessa forma, a guerra com todos os seus danos se torna algo aceito, um caminho inexorável para que o futuro, já conhecido, se concretize. Ao se referir ao conceito de revolução, como vimos, o historiador denuncia a como as guerras do período, como a guerra da Coréia, que envolvem as duas grandes potências mundiais, acabam por se prolongar e se tornar um fim em si mesmas.

Fica claro que ao longo desta resenha, feita na base do livro Futuro Passado, que é na verdade uma coletânea de ensaios se assim preferir, Reinhart Koselleck, deixa bem claro o conceito da história, como se faz uma história dentro das experiências e expectativas, assim como a posição do historiador no momento que faz a história ou a histórias da idéias.

Referência Bibliográfica

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos:** problemas teóricas e práticas. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos e história social.** In: KOSELLECK, R. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Contratempo, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **"Espaço de experiência" e "Horizonte de expectativa":** duas categorias históricas. In: KOSELLECK, R. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Contratempo, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **História Magistra Vitae** – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento. In: KOSELLECK, R. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Contratempo, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Critérios históricos do conceito moderno de Revolução.** In: KOSELLECK, R. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Contratempo, 2006.